

Comemorado na SRB o Aniversário da Introdução do Café no Brasil

A Sociedade Rural Brasileira fez realizar em sua sede, interessante e significativa reunião para comemorar a passagem do 230.º aniversário da introdução do café no Brasil. Bem diferente das que são comumente realizadas na tradicional entidade de classe, a reunião não teve o objetivo de apresentar e debater um problema qualquer de interesse econômico e sem de discutir medidas que devam ser postas em prática para debelar qualquer mal da lavoura ou mesmo da produção. Nada disso. Foi uma reunião convocada especialmente para a manifestação de reconhecimento a uma planta que tanto tem contribuído para o engrandecimento do País. A SRB realizou, assim, uma festa simples mas expressiva para recordar como se iniciou no Brasil a cultura cafeeira.



A INSEMINAÇÃO ARTIFICIAL... (conclusão)

O êxito alcançado, no que diz respeito ao melhoramento dos rebanhos, foi muito facilitado pelo fato de ser largamente praticado na Holanda e registro da produção de leite e de crias nos rebanhos inseminados artificialmente e que são constituídos por mais de quatro vacas. Graças a isso, tornou-se possível fazer-se uma eficiente seleção nos rebanhos e, mais ainda, um exame rigoroso das crias, logo após o nascimento. As sociedades de I.A. dispõem, em geral, de um bom número de touros, muito mais do que o necessário à inseminação, o que assegura a possibilidade de ampla seleção entre os touros. O número médio de vacas inseminadas para cada touro vai a cerca de 900, na Holanda. Este número permaneceu praticamente o mesmo nos últimos quatro anos.

Conclusão

Devemos salientar, finalmente, que a experiência indicou ser indispensável, para o êxito da I.A. que o pessoal encarregado de sua execução, especialmente os inseminadores, trabalhe com zelo e dedicação. O latenteiro, também, precisa cooperar. O touro não é, de modo algum, uma máquina, a inseminação não é uma técnica simplesmente mecânica, nem a criação de gado pode ser comparada a um trabalho automático. A retirada do sêmen, sua preparação e a própria inseminação constituem etapas de um processo biológico muito sutil. A criação de gado exige capacidade de observação, discernimento e conhecimento especializados.

De qualquer maneira, a I.A. não passa de um expediente — embora de grande valor — e seu êxito depende do perfeito cooperar de todos os interessados.

Presentes os diretores e demais associados, representantes do Ministério da Agricultura e do Instituto Brasileiro do Café, o sr. Renato da Costa Lima, abrindo a sessão, comunicou que por estar enfermo, deixou de comparecer à reunião o sr. Saulo Ramos que devia preferir a palestra alusiva à comemoração. Dada, porém, a oportunidade que se apresentava e aos conhecimentos que tem da história do café no Brasil, o próprio diretor do Departamento de Cateicultura da SRB, o sr. Plínio Cavalcanti de Albuquerque se encarregou à última hora, a convite da presidência, de pronunciar as palavras que devam ser ditas para comemorar o acontecimento. Feita essa comunicação, o sr. Renato da Costa Lima passou a palavra ao orador então escolhido.

Lembrou de início o sr. Plínio Cavalcanti que a etimologia é muito grata para uma sociedade de agricultores que já dedicou cerca de meio século de atividade à defesa do café e da própria economia nacional, que tem a sua base assentada nesse produto. Passou, depois a descrever a introdução do café desde o ano de 1527 com os seus parágrafos pela Arábia, a Abissínia e outras regiões do mundo até a França quando, por um régio presente do prefeito de Amsterdã, Luis XIV recebeu uma muda da árvore milagrosa.

Referiu-se depois à transplantação do café para as Américas, a começar pela Martinica até chegar ao Brasil pelos mãos do sargento-mór Francisco de Mello Paqueta que plantou no Pará sementes e mudas trazidas das Guianas e de onde foi mais tarde transportada para o Rio de Janeiro. Registrou o desenvolvimento da cultura no Estado do Rio e depois em S. Paulo, referindo-se ao início da exportação pelo porto de Santos, e, mais adiante, à sua fixação na região econômica apropriada. Depois dessa peregrinação como cultura estrangeira, itinerante ou depredatória, porque sempre dependente de derrubadas de matas e de queimadas, chegou à perfeição dos dias atuais, graças à modificação da mentalidade dos moços rurais através da racionalização da cultura em bases indicadas pela ciência agrônoma.

Nessa fase promissora não se pôde esquecer a experiência de Campinas levada a efeito pelo dr. Antonio Bento Ferraz que demonstrou de

modo prático que já não há impossibilidade de expansão racional dessa cultura em zonas velhas de terras tidas como cansadas ou esgotadas. Com os ensinamentos da técnica e com a adoção de processos racionais de conservação e aproveitamento conveniente do solo, a cultura do café já não depende, como se dizia, do «bato do serrote» onde se curve o pio do inhambu; depende, isso sim, do preparo da terra, da escolha de sementes selecionadas, da irrigação e da adubação adequada, orientada pelos resultados de análises de solo e do conhecimento técnico das necessidades da planta economicamente produtiva. Com essa prática, a produtividade das zonas velhas se iguala à das lavouras formadas sem terras virgens e férteis. O que é preciso, também, é ter-se em conta o conhecimento da zona ecológica do café que se situa no Estado de São Paulo, principalmente na região da Mogiana, no Sul de Minas e no Norte do Paraná.

O ciclo do café, que como fonte de produção econômica já tem um século, estabeleceu-se como que em seqüência natural a outros ciclos econômicos que se iniciaram com a exploração do Páu Brasil, da mineração de ouro, da cana-de-açúcar e chegou ao auge de ser o produto condutor da economia brasileira, no ponto de as vendas externas atingirem, em ano de 1956, a soma de um bilhão e duzentos milhões de dólares.

Com os dólares resultantes da exportação do café é que foram adquiridas as máquinas de Hércules para o algodão e seda da nossa indústria, as máquinas pesadas, as locomotivas e os trilhos de estrada de ferro; o trigo para a produção de pão indispensável à alimentação dos brasileiros; as sementes que perfuram o solo em busca do petróleo; os caminhões que transportam alimentos; o asfalto para a pavimentação das nossas estradas de rodagem.

Concluindo a sua palestra disse o sr. Plínio Cavalcanti que o café — o produto nobre da economia brasileira, que é o resultado de uma cultura formada por iniciativas dos brasileiros, com o trabalho dos brasileiros e com o capital também dos brasileiros — representa, por isso, a maior demonstração da capacidade realizadora dos brasileiros.